

“THE SOUL SELECTS HER OWN SOCIETY”: ISOLAMENTO E RECLUSÃO NA POESIA DE EMILY DICKINSON

Natalia Helena Wiechmann
Mestranda em Estudos Literários – Universidade Estadual Paulista-Araraquara
Bolsista Fapesp

Resumo: Emily Dickinson é conhecida por sua poesia de alta complexidade derivada de alguns recursos que caracterizam seus poemas, como a ironia, a ambigüidade e a sugestão, além de ser apreciada por aspectos biográficos que a transformaram quase que em um mito da literatura norte-americana. A escolha de Dickinson por viver em reclusão durante a maior parte da vida muitas vezes coloca esse comportamento como caminho de leitura para alguns poemas, haja vista a recorrência de imagens relacionadas a essa atitude de isolamento que sobressaem em sua poesia. Nesse sentido, propomos a análise de “The Soul selects her own Society –” para que possamos discutir até que ponto os aspectos biográficos podem estar presentes em sua poesia e, da mesma forma, até que ponto a poesia revela traços da vida interior de Emily Dickinson.

Palavras-chave: Poesia romântica norte-americana. Emily Dickinson – poesia. Isolamento – Tema literário.

Abstract: Emily Dickinson is known by her poetry of high complexity originated from some resources that characterize her poems, such as irony, ambiguity and suggestion, besides being praised because of biographical aspects that turned her into almost a myth of American literature. Dickinson’s choice of living in seclusion for the greatest part of her life frequently makes one see this behavior as a way of reading some poems, having in mind the recurrence of images related to this attitude of isolation that stand out in her poetry. In this sense, we aim to analyze “The Soul selects her own Society –” so that we can discuss how much the biographical aspects may be present in her poetry and, likewise, how much her poetry reveals of Emily Dickinson’s interior life.

Keywords: American Romantic Poetry. Emily Dickinson – Poetry. Isolation – Literary Theme.

Introdução

A obra de Emily Dickinson é vista pela crítica como inesgotável em sua capacidade de possibilitar múltiplas leituras. Isso se dá por conta dos diferentes recursos de que a poeta se utilizou, dos quais se destacam a ambigüidade, a ironia e a sugestão como principais responsáveis pelas diversas interpretações que podem decorrer de apenas um poema. Sobre isso, afirma o professor Carlos Daghljan: “Emily Dickinson (1830-1886) é uma poetisa cuja obra, como a de todo grande artista, suscita inúmeras abordagens e nunca deixa de instigar seus novos e velhos leitores” (DAGHLIAN, 2006, p. 79).

Além disso, algumas particularidades de sua escrita também contribuem para que sua obra seja vista, muitas vezes, como enigmática, como, por exemplo, a presença constante do travessão substituindo outras formas gráficas de pontuação, o metro de balada inglês que recupera nos poemas a estrutura dos hinos religiosos ingleses e o uso freqüente de letras maiúsculas em palavras que normalmente não seriam grafadas dessa forma, o que lhes dá uma significação maior dentro de cada poema.

A maneira como a poeta escolheu viver também contribui para que sua obra seja vista com esse tom enigmático, pois sua decisão de se privar do convívio social revela uma postura bastante particular. No entanto, foi na reclusão que Emily Dickinson escreveu a maior parte de sua obra e a manteve em segredo até a morte e isso muitas vezes coloca o posicionamento da poeta como chave para a decifração de alguns poemas. Com efeito, há diversos poemas em que a imagem da reclusão e do aprisionamento sobressai, ora com um tom mais sombrio, ora angustiante ou, ainda, de aceitação e naturalidade, o que faz com que Dickinson seja comumente classificada como poeta do espaço privado. Desses poemas, escolhemos “The Soul selects her own Society” para o exercício de análise que aqui será proposto.

Consideramos que o fato de a poeta optar por uma auto-exclusão social e selecionar seu círculo de relações de certo modo lhe permitiu dedicar toda a sua atenção à poesia e desenvolver um trabalho que foge aos padrões literários de sua época. Em outras palavras, o confinamento físico lhe dava a liberdade intelectual para a materialização de sua criatividade. Constata-se, entretanto, que a crítica acaba por vezes dando maior ênfase a esse aspecto biográfico da poeta do que ao que resultou dele, isto é, ao poema, o que se explica possivelmente pelo exotismo da imagem que Dickinson ajudou a criar de si mesma. Ademais, frequentemente se estabelece uma relação entre a vida reclusa da poeta e a impossibilidade de realização amorosa, fazendo com que a escolha de Dickinson pareça mais um comportamento rebelde de uma mulher não correspondida sentimentalmente do que a opção consciente por expressar poeticamente sua genialidade criativa livre de quaisquer convenções.

Queremos dizer, com isso, que uma leitura tradicional dos poemas de Emily Dickinson pode não alcançar algumas possibilidades de interpretação por enfatizar uma visão

romantizada sobre sua vida em detrimento do significativo desenvolvimento intelectual da poeta diante de seu contexto histórico. Nesse sentido, é preciso retomar as bases que regiam a sociedade norte-americana no século XIX e lembrar que o patriarcalismo fundamentava valores de dominação masculina naquela sociedade, impondo um determinado ideal de beleza e de comportamento às mulheres que as tornava subservientes à autoridade masculina. Dentro desse contexto, o trabalho intelectual era uma questão masculina e, portanto, a autoria se torna um fator indissociável do gênero, fazendo com que a tradição literária seja também patriarcal.

Em vista disso, a reclusão de Emily Dickinson nos parece uma condição essencial para que a poeta pudesse lidar com seu talento criativo, assim como seus recursos de criação poética (a ambigüidade, a ironia, a fragmentação, a construção imagética, entre outros) se revelam estratégias de expressão literária que condensam em si o esforço de uma autoria essencialmente feminina contraposta ao seu contexto social e literário.

Emily Dickinson também é tida como precursora do modernismo literário norte-americano, juntamente com Walt Whitman, por suas inovações formais e conteudísticas. No plano da forma, a estrofação e a versificação irregulares, a ocorrência marcante de rimas internas ao invés de rimas finais e o ritmo entrecortado ocasionado pelo travessão, que dá velocidade e pausas bruscas no poema, são os principais traços dessa nova poética; no plano do conteúdo, por sua vez, as inovações estão principalmente na síntese (que é uma marca de toda a poesia modernista), na recorrência de paradoxos e antagonismos e na alta polissemia contida em um material lingüístico simples.

Além dessas características, Emily Dickinson também se apropria de textos religiosos e de termos aparentemente simples e os reveste de novos significados que são, muitas vezes, de difícil compreensão: “O que seus críticos quase sempre subestimam é a espantosa complexidade intelectual dela. Nenhum lugar-comum sobrevive às suas apropriações; o que ela não renomeia ou redefine, revisa além do fácil reconhecimento” (BLOOM, 1995, p. 284).

Percebemos, com isso, que a poesia dickinsoniana parece ter uma preocupação constante em se opor a padrões tradicionais da linguagem. Contudo, os desvios que a

poeta realiza são desvios intencionais, que visam determinado efeito, e não imprecisões técnicas. A partir disso, sugerimos que sua obra vai além de características precursoras de uma escola literária para se revelar, na verdade, uma poesia muitas vezes de transgressão às normas poéticas, comportamentais e religiosas da sociedade em que a poeta viveu, assumindo um caráter de subversão à ideologia dominante de seu contexto (daí o tom ambíguo, conveniente a uma poesia de ruptura com padrões tradicionais).

Para exemplificar as transgressões a que nos remetemos, podemos pensar no grande número de poemas que contrapõem os planos divino e terreno para questionar ironicamente e desafiar a existência de um Deus e sua importância caso ele exista:

A entidade chamada ‘Deus’ tem uma carreira bastante dura na poesia dela, e é tratada com bastante menos respeito e compreensão que a entidade rival que ela chama de ‘morte’. [...] Um poeta que só chama Deus de pai depois de chamá-lo de ladrão e banqueiro pretende outra coisa que não religiosidade. (BLOOM, 1995, p. 287)¹.

Essa provocação à figura de Deus é claramente uma provocação aos preceitos religiosos predominantes da sociedade puritana em que Dickinson foi educada. Contudo, apesar do tom irônico com que o sujeito lírico dickinsoniano muitas vezes trata a entidade Deus e as questões religiosas, há também muito em sua poesia de um sentimento religioso que não pensa a religião como uma simples declaração de fé, mas como reflexão sobre a beleza da natureza, por exemplo, e das experiências de alegria e de êxtase, o que, ainda assim, viola os princípios religiosos puritanos. Nesse ponto, Salska (1985) afirma que, para Dickinson, a poesia toma o lugar da religião: “She [Dickinson] turned to poetry as believers do to religion, for solace and sustenance in her hours of need” (SALSKA, 1985, p. 24).

Dessa forma, ao enxergarmos na poesia de Emily Dickinson a possibilidade de uma ruptura em relação às convenções literárias e sociais de sua época, estamos também nos referindo a uma ruptura, ainda que silenciosa, em relação ao patriarcalismo. Apesar das leituras tradicionais, que buscam compreender a obra de Dickinson sem considerar as questões de gênero, a crítica feminista tem proposto cada vez mais releituras de seus poemas com base numa consciência poética acerca das relações de gênero de sua época,

num movimento de revisita ao cânone que vê no texto o local onde as questões existenciais da autoria feminina podem ser trabalhadas.

No poema selecionado para este trabalho, destacaremos a imagem do isolamento, idéia abstrata, manifestada na concretude de outras figuras que se sucedem e se relacionam no texto, tornando essa idéia abstrata visível e, portanto, concreta.

Para as finalidades a que nos propomos, cabe relacionar essa imagem de exclusão e isolamento com as concepções da crítica literária feminista. Gubar e Gilbert discutem no primeiro capítulo de *The Madwoman in the Attic*² como a ideologia patriarcal reduziu as mulheres ao estereótipo angelical, de delicadeza e fragilidade, em um contexto doméstico marcado pela ausência de trabalho intelectual e de autonomia da mulher³. Diante disso, aquelas que desejassem se expressar artisticamente estariam transgredindo a norma, uma vez que a produção literária que fugisse à escrita de costumes, isto é, aos manuais domésticos, livros de etiqueta e romances que retratassem essa sociedade descritivamente (e não criticamente) era do âmbito do masculino.

É dentro desse contexto que a idéia de subtexto representa, na crítica feminista, uma estratégia para superar os limites da tradição patriarcal. No subtexto estariam contidos as angústias, as denúncias de opressão e os efeitos enlouquecedores ocasionados pelas concepções patriarcais, marcas visíveis apenas àquela audiência que compartilha dessas questões (a audiência feminina) e expressas, por exemplo, nas imagens de personagens más e/ou loucas, de doenças, de fobias, de conflitos etc.⁴

Percebemos, com isso, que a idéia de isolamento e exclusão perpassa toda a existência social da mulher: confinada na esfera privada, doméstica, a mulher fica presa também à visão estereotípica masculina e sua expressão artística não pode transpor os limites do subtexto. Parece-nos evidente, portanto, que essa experiência de isolamento não poderia deixar de se manifestar literariamente, o que, no caso da obra de Emily Dickinson, ocorre no poema escolhido e que também poderia ser analisada em “I heard a Fly buzz – when I died”, “A Prison gets to be a friend”, “I dwell in Possibility”, “How soft this Prison is”, “My life closed twice before its close” e em diversos outros poemas.

“The soul selects her own society – n”

Para as finalidades da análise poética proposta aqui, transcrevemos abaixo o poema de número 303 conforme a classificação de Johnson, que lhe atribui a data de 1862:

The Soul selects her own Society –
Then – shuts the Door –
To her divine Majority –
Present no more –

Unmoved – she notes the Chariots – pausing –
At her low Gate –
Unmoved – an emperor be kneeling
Upon her Mat –

I’ve known her – from an ample nation –
Choose One –
Then – close the Valves of her attention –
Like Stone –

Em linhas gerais, o poema descreve a postura seletiva de uma determinada alma que escolhe suas companhias e se isola do restante do mundo de modo inflexível. Essa autonomia da Alma é afirmada logo no primeiro verso, que revela a motivação de todo o poema: “The Soul selects her own Society”. A partir desse mote, a conduta seletiva e de confinamento da Alma é reafirmada em diversos itens lexicais que integram o poema como, por exemplo, “shuts” (segundo verso), “Unmoved” (quinto e sétimo versos), “Choose” (décimo verso) e “close” (penúltimo verso). Note-se que a poeta opta pelo artigo “the” ao se referir à “Soul”, atribuindo a essa alma um sentido mais específico, isto é, sugerindo que essa Alma representa, com suas características, um comportamento correspondente a todas as almas, uma vez que não é uma ou outra alma que age dessa forma, mas a entidade Alma.

A Alma de que fala o poema escolheu viver em um espaço delimitado por “Door”, “Gate” e “Mat”, que separam o mundo exterior de sua convivência. Se considerarmos que essa Alma pode ser uma referência metonímica ao ser humano, que faz escolhas o tempo todo, podemos sugerir que o espaço em que ela se fecha é, na verdade, a própria mente humana. Contudo, sabemos que nem todas as nossas escolhas são feitas de modo racional, podendo ser, ao contrário, instintivas e subjetivas e, nesse caso, o espaço de reclusão da Alma poderia ser o coração. Essa segunda hipótese justifica-se ao lermos,

no penúltimo verso, o termo “Valves” traduzido por válvulas⁵, o que nos remete à idéia de válvulas cardíacas. No entanto, se fosse o coração a fazer escolhas, o poema poderia assumir um caráter mais sentimental e daria abertura para uma leitura romântica, o que não se sustenta por falta de evidências que reafirmem esse aspecto. Por outro lado, se essas escolhas fossem de autoria da mente, teríamos uma perspectiva objetiva e linear demais para um poema. De qualquer forma, o uso de “Soul” dá um caráter elevado às escolhas de que fala o sujeito lírico e mantém a tensão da relação entre crença e descrença, tanto por parte do sujeito lírico como do leitor, de que haja, de fato, um lado imaterial do ser humano que se possa denominar Alma.

Sobre isso, é do conhecimento popular que a alma seja descrita como a parte do indivíduo que, de alguma forma, sobrevive à morte do corpo. Religiosamente, a alma é definida como sendo independente da matéria e seu destino, diante da passagem da morte, pode tomar dois caminhos distintos – a salvação ou a condenação. Para o Puritanismo, que era a ideologia religiosa dominante na Nova Inglaterra durante o século XIX e do qual Emily Dickinson tinha pleno conhecimento, a predestinação era o fundamento que definia a possibilidade de salvação ou de condenação da alma, como se Deus escolhesse previamente as almas que sofreriam o tormento eterno ou não. Nesse sentido, a Alma apresentada no poema não reflete sobre essas questões religiosas, pois ela claramente segue um código de conduta particular que mais adiante nos mostrará a possibilidade de haver, inclusive, uma contradição irônica e consciente dessa ideologia puritana.

O poema é visualmente marcado pelos travessões. Como se sabe, esse sinal gráfico é característico da escrita dickinsoniana e provoca infundáveis discussões acerca de seu significado. Uma das possibilidades que a crítica aponta é de que o travessão seria uma pausa mais longa do que a vírgula e mais curta do que o ponto final. Outra interpretação considera que esses travessões sinalizem as pausas da própria poeta para pensar sobre o verso, ou, ainda, que seriam pausas de respiração necessárias à leitura em voz alta, mas desconsideramos essa terceira alternativa por entendermos que a poeta não tinha a intenção de que seus poemas fossem lidos por terceiros. Em “The Soul selects her own Society” todos os versos possuem essa marca gráfica, totalizando 17 travessões em 12 versos sem que haja nenhum outro tipo de pontuação. Com essa proporção, os travessões reforçam o sentido de isolamento e exclusão pretendido no poema por

separarem alguns termos de outros e darem destaque a esses termos de maneira isolada. Além disso, conforme veremos durante a análise, a Alma que motiva o poema assume uma postura inflexível diante do mundo e a fragmentação dos versos pode ser vista como elemento que enfatiza a rigidez de suas escolhas.

A primeira estrofe do poema nos revela que a Alma, como uma entidade autônoma, sabe que o ato da seleção de sua companhia implica, conseqüentemente, o da exclusão. Isso fica claro se pensarmos que quando alguém escolhe, por exemplo, um determinado item em detrimento de outros esses outros automaticamente estão excluídos da preferência do indivíduo assim como o indivíduo se exclui da possibilidade de desfrutá-los. Por isso, apesar de o primeiro verso trazer o verbo “select” como a primeira ação da Alma, é o sentido de exclusão que se faz mais aparente por ser o que dá continuidade às ações seguintes: a Alma fecha a porta, não se apresenta mais, permanece imóvel diante de quaisquer intervenções e fecha as válvulas de sua atenção para o mundo exterior.

O primeiro verso também pode ser lido com a ênfase recaindo sobre a palavra “Soul”, de modo a destacar que quem possui a liberdade de exercer essa postura seletiva é a alma e não o corpo, pois este está preso a questões que envolvem sua existência social e que o impedem de agir livremente perante a sociedade. Assim, a idéia central desses primeiros versos é de que a alma tem a liberdade de escolher sua companhia e de imediatamente isolar-se do que lhe é exterior porque ela transcende o ser humano em suas limitações materiais.

Outra questão que se apresenta aqui é de que se compõe a sociedade selecionada pela Alma. A resposta mais óbvia é que essa sociedade seria constituída por pessoas, provavelmente pessoas queridas para a Alma, mas ela poderia consistir também de pensamentos, crenças ou, ainda, atividades de predileção da Alma que, fora dos limites definidos por ela mesma, não lhe seriam permitidos. Enfatize-se que a Alma possui o gênero feminino (como se comprova pelos pronomes “her” e “she”) e que, se essa figura feminina fosse materializada na figura da mulher inserida no contexto histórico e social em que o poema foi produzido, seriam inúmeros os exemplos de restrição ao pensamento e à atividade dessa mulher.

A primeira estrofe apresenta, ainda, possibilidades diversas de leitura dadas pela pontuação excêntrica da poeta. Se substituirmos os travessões por uma pontuação mais convencional, podemos chegar a pelo menos três formas de reescrever essa estrofe: 1 - “The soul selects her own society, then shuts the door. To her divine Majority, present no more.”; 2 - “The soul selects her own society, then shuts the door to her divine majority, present no more.”; 3 - “The soul selects her own society, then shuts the door to her divine majority. Present no more.”

Não propomos aqui que seja necessário escolher entre uma das opções em detrimento das outras, pois entendemos que o mais importante é a maneira como o travessão produz a ambigüidade e como esse recurso abre caminhos variados para a interpretação. Dessa forma, é interessante analisar essas três possibilidades de leitura como tentativa de entendermos os efeitos que a pontuação de Dickinson pode produzir.

A primeira opção e a terceira trazem a palavra “present” como verbo, com acento na segunda sílaba, enquanto na segunda opção “present” é um adjetivo, com acento na primeira sílaba. Na versão manuscrita desse poema, Dickinson se utiliza do termo “On” em lugar de “To” (terceiro verso) e “Obtrude” em lugar de “Present” (no quarto verso), sendo que “Obtrude” pode ser lido apenas como verbo⁶. Dessa forma, se considerarmos o termo “Obtrude” como substituto de “Present”, automaticamente leremos “Present” como verbo também, excluindo a segunda alternativa de leitura dessa estrofe, uma vez que “Present” é o adjetivo que pode modificar “Soul”, no sentido de que essa alma não estaria mais presente no mundo, ou modificar “divine Majority”, que, após ter a porta fechada para ela, também não estaria mais presente. Percebe-se que essa leitura seria perfeitamente compatível com a idéia central do poema, o que nos sugere que a substituição dos referidos termos da primeira versão do poema para a segunda fora consciente dos efeitos ambíguos que o poema articularia.

Na primeira opção de reescrita do poema - “The soul selects her own society, then shuts the door. To her divine Majority, present no more.” - a Alma, após fechar a porta sem que se especifique para quem ou o quê, não se apresentará mais à sua “divine Majority”. Já na terceira leitura - “The soul selects her own society, then shuts the door to her divine majority. Present no more.” - fica claro que a Alma fecha a porta para a “divine Majority” e, a partir de então, não se apresenta mais a quem ou o que quer que seja. Em

ambas as leituras, a substituição de “To” por “On”, como ocorre na versão manuscrita do poema, parece-nos de menor efeito para o sentido dos versos. O que muda, de fato, é a ênfase em duas ações diferentes, mas que alcançam o mesmo resultado: na primeira opção, a ênfase recairia sobre a ação de fechar a porta e, portanto, fechar-se para o mundo exterior, enquanto na terceira a ênfase seria dada à ação de não se apresentar mais a esse mundo exterior. Ambas são, portanto, compatíveis com o sentido de todo o poema e condensam em si o desejo dessa alma de isolar-se e manter como companhia apenas o que/quem lhe aprouver.

Note-se também a opção da poeta pelo verbo “shut” ao invés de “close” no segundo verso. Com isso, a ação de fechar a porta soa como uma ação final, mais enérgica e não deixa a possibilidade de mudança dessa situação. Nesse sentido, pode-se pensar que o sujeito lírico, ao se utilizar de “shuts the door” e, ao final do poema, optar por “close the Valves of her attention”, esteja atenuando a postura da Alma, mas, ao contrário, o último verso complementa o verbo “close” com “Like Stone”, mantendo a rigidez da exclusão a que a Alma se impôs.

Ainda nessa primeira estrofe fica-nos a dúvida sobre quem ou o quê seria a “divine Majority”. A palavra “divine” pode retomar o termo “Soul” ao conferir determinado status à Alma e “Majority” pode ser uma referência eufemística à morte se levarmos em consideração as expressões “join the majority” e “pass over the majority”, ambas com o sentido de morrer. Apesar da imagem de confinamento que se desenha no poema e que poderia estar ligada à idéia da morte, por esse viés de leitura o poema assumiria um aspecto mais sombrio que, na verdade, não se confirma ao longo dos versos seguintes.

Difícilmente esse poema é lido sem que se lembre que Emily Dickinson viveu durante muitos anos em reclusão por escolha própria, mantendo, portanto, uma postura semelhante à da Alma retratada aqui. Nesse âmbito, um caminho de leitura é relacionar o pronome “her” em “her divine Majority” com “Society” e não com “Soul”, atribuindo à “divine Majority” a idéia de significar as camadas superiores (pelo adjetivo “divine”, provavelmente usado de modo irônico) da sociedade, tanto no sentido de riqueza como de poder e dominação. Levando em consideração o contexto em que se insere a produção do poema, teríamos, desse modo, uma referência implícita ao patriarcalismo que regia a dinâmica social do século XIX e do qual Emily Dickinson se isolou para que

puдesse exercer seu talento criativo de poeta. Da mesma forma, a Alma selecionaria, entao, a companhia que lhe é adequada e se isolaria da maior parte da sociedade por ser incapaz de se enquadrar em suas regras ideológicas.

O poema nos oferece, ainda, outra possibilidade de leitura para “divine Majority”. O termo “majority” pode significar a maioria, isto é, o momento na vida de um indivíduo em que ele passa a gozar dos direitos civis de uma sociedade e a ser considerado legalmente responsável por seus atos. No entanto, sabe-se que no contexto histórico e social de Emily Dickinson, essa emancipao era restrita aos homens. Por outro lado, a maioria pode simbolizar, aqui, a maturidade que, para as mulheres, pode ser sinnimo de idade adequada para o casamento e as obrigaes advindas dele. Nesse sentido, a Alma fecha as portas tanto para as regras patriarcais que colocam a mulher  parte de quaisquer direitos sociais como para o casamento como instituio social que aprisiona a mulher no círculo privado doméstico. Diante dessa hipótese, a alma estaria negando um tipo de aprisionamento (o ser mulher nessa sociedade) por meio de um auto-aprisionamento, isto é, por meio do isolamento, como se para libertar-se fosse preciso enclausurar-se de outras maneiras. Assim, novamente sugerimos que o poema, em seu subtexto, revela a necessidade da poeta de isolar-se para libertar-se criativamente, indicando, na verdade, que essa necessidade perpassa o gênero feminino como um todo.

Essa idéia de “majority” como sinnimo de maturidade feminina para o casamento se relaciona à segunda estrofe, em que se tem uma cena que nos lembra o cortejo romântico. A voz lírica do poema nos diz que a Alma se posiciona com indiferença diante de uma figura masculina que se ajoelha perante sua porta: “Unmoved – she notes the Chariots – pausing – / At her low Gate – / Unmoved – an emperor be kneeling / Upon her Mat –”. O título de “emperor” d a essa figura um status nobre mas, ainda assim, a Alma recusa-lhe a companhia e, ao fazê-lo, ela se recusa também a seguir as regras da sociedade exterior aos limites de seu confinamento.

Mas se essa renúncia  possível  alma, que papel é dado ao corpo nesse jogo? Pode ele também ficar indiferente diante do mundo exterior? Ora, se a alma é entendida aqui como a parte imaterial do ser humano que sobrevive à morte do corpo e se consideramos o gênero feminino da Alma, podemos depreender que é apenas com a

morte que a mulher pode se ver livre das amarras patriarcais. É claro que essa leitura é ingênua se não considerarmos a morte como metafórica também, isto é, novamente com o sentido de possibilitar o isolamento, a exclusão da convivência social.

Além de parecer uma cena romântica, a imagem de um imperador em seu coche, parado em frente ao portão do local que a Alma habita e de joelhos no capacho da entrada também nos remete ao poema “Because I could not stop for Death”, em que a morte, na figura de um senhor, busca cordialmente o sujeito lírico feminino em sua carruagem para um passeio pela imortalidade. Em “The Soul selects her own Society”, ao contrário, a figura feminina recusa, indiferente, qualquer chamado dessa intervenção masculina que, pela relação de alusão estabelecida com o outro poema de Dickinson, poderia ser vista como a presença da morte.

A posição em que o “emperor” se coloca, de joelhos, assemelha-se também à posição de oração e uma das crenças religiosas em relação à alma é de que devemos orar a Deus por sua salvação. No entanto, nem mesmo a oração toca a Alma no poema, reafirmando que ela possui autonomia suficiente para não precisar das interferências do que lhe é externo, pois ela e a companhia escolhida se bastam.

É preciso ressaltar, ainda, que nessa segunda estrofe as palavras “Gate” e “Mat”, ligadas à palavra “Door” na primeira estrofe, reforçam a imagem de uma casa como sendo o ambiente habitado pela Alma e são referências a partes da casa que ficam exatamente no entremeio do espaço interior e do exterior, delineando, portanto, seus limites.

A terceira estrofe se inicia nos colocando diante da participação do sujeito lírico como expectador da dinâmica de seleção-exclusão que a alma realiza: “I’ve known her -”. Note-se que o eu-lírico apenas havia feito uso da terceira pessoa – “The Soul” (verso 1), “[she] shuts” (verso 2), “her divine Majority” (verso 3), “she notes” (verso 5), “her low Gate” (verso 6), “her Mat” (verso 8) - no entanto, o eu-lírico se coloca agora como conhecedor dessa alma de que falara até então. Nesse sentido, poderíamos substituir o verbo “know” por “see”, por exemplo, para que a leitura desses versos fosse simplificada e, modificando a pontuação e a ordem dos termos, teríamos o seguinte resultado: “I’ve seen her [the Soul] choose one [person, thing, etc] from an ample

nation, then close the valves of her attention like Stone.” Se aceitarmos essa alternativa de leitura, teremos duas instâncias separadas – a alma e o sujeito lírico.

Contudo, o sentido de “I’ve know her” se relaciona também a uma idéia de familiaridade e até mesmo de intimidade depreendidas do verbo conhecer. Nesse caso, se a alma lhe é conhecida, o sujeito lírico pode ser visto como o lugar de habitação dessa alma – o corpo, o lado material do indivíduo – num movimento de fusão entre as instâncias “the Soul” e “I”. Além disso, essa união entre a voz que fala no poema e a Alma de que ela fala implica uma outra possibilidade de sentido: o “I” que se apresenta pode nos remeter ao poeta como porta-voz da Alma, o que, em outras palavras, sugere que a Alma seja a própria poesia. Nessa relação “the Soul”/poesia e “I”/poeta, o sentido do poema em questão é de que a poesia assumiria a autonomia para definir os limites do poema e do poeta, bem como para selecionar o que deve participar de sua sociedade ou não.

A terceira estrofe se inicia com o contraste entre “ample” e “One”, ocasionado por um movimento de estreitamento que os dois primeiros versos implicam: “[...] – From an ample nation – / Choose One –”. Esse contraste ressalta o poder de decisão da Alma em escolher uma pessoa ou coisa para sua companhia e nos mostra que ela tem à sua disposição uma gama de opções. Da mesma forma como é difícil ler esse poema sem pensar numa referência direta à reclusão que Emily Dickinson se impôs durante grande parte de sua vida, também por vezes esses versos são lidos como reveladores da escolha que a poeta teria feito por uma pessoa amada e, então, teria se fechado para o mundo. Há, ainda, a hipótese de que a companhia ou hóspede escolhida pela alma seja a própria palavra, a poesia que, na vida da poeta, foi a companhia predominante em seus anos de reclusão. Esse poema seria, então, uma revelação particular da vida emocional da poeta. O que importa, contudo, não são essas questões sentimentais e íntimas da poeta, mas, sim, a complexidade com a qual ela articula emoções, pensamentos, sentimentos, pontos de vista e, possivelmente, sua vivência na materialidade do poema.

Ademais, o segundo verso dessa última estrofe, composto por apenas duas palavras (“Choose One”) pode, também, não indicar necessariamente a escolha da alma por uma segunda pessoa ou coisa, mas a escolha da alma por ela mesma, isto é, a escolha por sua

sobrevivência diante da sociedade; nesse sentido, a exclusão seria a chave para que essa escolha seja bem-sucedida.

Numa outra perspectiva de leitura, podemos retomar as questões religiosas que envolvem o Puritanismo e imaginar um paralelo entre a Alma escolhendo sua sociedade e Deus em seu poder de escolher, de uma “ample nation”, as almas que alcançarão a salvação, como se a Alma ironicamente brincasse de ser Deus. Nesse sentido, o poema novamente assumiria uma postura de transgressão à aceitação de determinadas normas religiosas, mas, como se vê, de maneira velada por suas ambigüidades e diferentes possibilidades de leitura, que podem sinalizar um posicionamento ironicamente despretensioso por parte do eu lírico. De um modo ou de outro, é plausível argumentar que esse poema descreve o poder de um ser, ou indivíduo, de construir um mundo para si mesmo, o que é uma façanha caracteristicamente relacionada ao poder de Deus.

Na sequência do poema, retomemos a palavra “Valves” para aprofundarmos a discussão de suas possibilidades de significado. Em primeiro lugar, “valve” é um termo que se refere a uma das partes de uma porta dobradiça (“folding door”), o que confirma a imagem da casa pela referência à “Door” na primeira estrofe. Com isso, o terceiro verso dessa última estrofe – “Then – close the Valves of her attention –” – recupera o segundo verso do poema – “Then – shuts the Door –” – e percebemos que, colocados lado a lado, ambos tem uma estrutura paralela pela repetição de “Then”, pela ação de fechar a porta e pela presença do travessão na mesma posição em cada verso. Dessa forma, o poema se inicia e se encerra com a mesma imagem de exclusão e confinamento, imagem essa central para a interpretação do poema.

A porta que visualizamos na primeira estrofe não possui atributos, mas, como foi mencionado no início dessa análise, a ação de fechá-la expressa com o verbo “shut” sinaliza uma ação final e reflete a rigidez da postura da Alma. Já no penúltimo verso do poema, a ação de fechar as “valves” se dá pelo verbo “close”, que apesar de parecer amenizar a atitude da Alma, tem como complemento o último verso – “Like Stone –”. Assim, “Stone” mantém a idéia de rigidez e inflexibilidade da seleção que a Alma realiza e pode complementar tanto a ação de fechar a porta (“close the Valves like Stone”), como a própria porta (“Valves like Stone”), uma vez que o uso do travessão possibilita essa ambigüidade. Podemos observar, ainda, que ao aceitarmos “Stone”

como complemento de “Valves”, essa porta assume uma imagem de dureza, aspereza, frieza, características que a deixam semelhante a uma prisão, por exemplo. Além disso, “Stone” também pode ser um termo reduzido de “gravestone” ou “tombstone”, ambos traduzidos por lápide ou pedra tumular e que novamente retomam a presença da morte no poema. Com essas imagens da lápide e da prisão em mente, o poema é concluído com a reafirmação da idéia de confinamento e de isolamento, visto que nas situações evocadas por essas imagens o indivíduo é excluído do convívio social (seja permanentemente ou não) tal qual a Alma se exclui de sua sociedade.

Resta-nos, ainda, uma segunda possibilidade de leitura para “Valves”, a partir de sua tradução por válvulas. Mencionamos no início do trabalho que essa tradução nos lembra, invariavelmente, as válvulas cardíacas, órgãos responsáveis por manter o fluxo sanguíneo em um único sentido por seu movimento de abertura e fechamento; esse movimento das válvulas cardíacas não está sob nosso controle, mas no poema a Alma é que fecha suas válvulas, mostrando seu poder de permitir ou restringir a passagem de qualquer coisa ou pessoa para dentro de seu círculo social. As válvulas aqui evidenciam mais uma vez a imagem da casa, pois elas é que permitem a passagem do sangue pelo coração, como se fossem portas. A rigidez, mencionada anteriormente, que o substantivo “Stone” vinculou ao sentido dessa terceira estrofe também faz com que as válvulas executem sua função com a inflexibilidade de uma pedra. Ademais, se considerarmos o adjetivo “stony”, derivado de “Stone”, que pode ser traduzido por cruel, frio, desumano, sem sentimento, sem vida, entre outros, podemos estabelecer uma relação entre essas características e a parte do corpo em que as válvulas se localizam – o coração – e chegamos a uma caracterização da própria Alma.

Os versos do poema visualmente oscilam entre versos mais longos e versos mais curtos. À primeira vista, essa oscilação da forma parece contrariar o que é reforçado tematicamente em todo o poema: a rigidez do posicionamento da alma, que não hesita em isolar-se com sua companhia e, imóvel, menospreza quaisquer intervenções exteriores. No entanto, o efeito dessa alternância é, na verdade, o de reforçar a idéia central do poema, pois os versos mais curtos parecem confinados no poema pelos versos mais longos, como se estes expressassem a delimitação que a Alma realiza entre o espaço que ela habita e o espaço exterior. Os versos mais curtos, por sua vez, trazem em si a descrição das atitudes da Alma: na primeira estrofe, eles destacam a exclusão a

que a alma se impõe (“Then – shuts the Door –” e “Present no more”); na segunda, eles reforçam a imagem da casa e, portanto, dos limites entre interior e exterior (“At her low Gate” e “Upon her Mat”); e, na última estrofe, esses versos enfatizam a rigidez da postura seletiva da Alma (“Choose One” e “Like Stone”).

Desse modo, a intercalação de versos longos e curtos resulta numa estruturação do poema em duas unidades de dois versos em cada estrofe, sendo que podemos agrupar esses versos por sua extensão maior ou menor ou, ainda, pela extensão alternada. Como exemplo, vejamos a segunda estrofe:

Unidades de versos pela alternância entre longos e curtos:

- (1) Unmoved – she notes the Chariots – pausing –
- (1) At her low Gate –

- (2) Unmoved – an emperor be kneeling
- (2) Upon her Mat –

Unidades de versos agrupados em mais longos ou mais curtos:

- (1) Unmoved – she notes the Chariots – pausing –
- (2) At her low Gate –
- (1) Unmoved – an emperor be kneeling
- (2) Upon her Mat –

A primeira possibilidade de agrupamento se justifica por um verso dar continuidade no verso anterior e manter, portanto, o andamento coerente do poema. No entanto, a segunda possibilidade de leitura nos parece até mais interessante pela escolha vocabular que conclui cada verso. Por essa via de leitura, os versos agrupados em unidades de versos longos e unidades de versos curtos se encerraram da seguinte maneira: *Society/Majority; Door/more; pausing/kneeling; Gate/Mat; nation/attention; One/Stone*. Nota-se que os versos longos (o primeiro e o terceiro de cada estrofe) mantêm a rima final nas três estrofes do poema, mas os versos curtos (o segundo e o quarto de cada estrofe) apenas seguem esse padrão na primeira estrofe, com *Door/more*.

No entanto, na segunda e na terceira estrofes, apesar de não manterem a rima, os vocábulos finais dos versos curtos ainda mantêm sua unidade de outras maneiras: em

Gate/Mat temos a repetição das letras internas de “gate” em “mat”, além de serem as duas palavras referências metonímicas à casa que a alma habita e, conseqüentemente, aos limites que essa casa define entre o interior e o exterior; já em *One/Stone* a mesma repetição de letras acontece e resulta na fusão dos dois termos – stONE – estendendo a rigidez da escolha da alma para o objeto/indivíduo escolhido. Além disso, essa repetição das letras em termos diferentes, colocando um termo no interior do outro, pode sugerir tanto a oposição interior/exterior com que a alma lida no poema como também a idéia de alma e corpo, sendo um interno ao outro.

Essa estrutura de unidades paralelas que se percebe no agrupamento dos versos também ocorre na repetição marcada da vogal –o, que ora faz a assonância com o som de /o/, mais fechado, ora em /ɔ/, aberto. A recorrência de /o/ se verifica em: “Soul”, “own”, “society”, “no”, “notes”, “upon”, “known”, “from”, “nation”, “one”, “close”, “attention” e “stone”. Já o som da vogal aberta /ɔ/ está em: “door”, “majority”, “more”, “chariots”, “emperor” e “of”. A alternância dos sons fechado e aberto da vogal -o concretiza a oposição entre um espaço fechado (interior) e um espaço aberto (exterior) que é, de fato, a constante tensão do poema. A predominância do som fechado /o/ reafirma o posicionamento de renúncia do mundo exterior.

Além dessa assonância marcada, percebemos que a repetição de alguns sons vocálicos também contribui para o sentido do poema como um todo. As fricativas sibilantes /s/ (em “Soul”, “Society”, “shuts”, “notes”, “Chariots”, “Valves” e “Stone”), /z/ (em “Present”, “pausing”, “Choose” e “close”), /f/ (em “from”), /v/ (em “divine”, “unmoved”, “I’ve” e “valves”), e /ʃ/ (em “shuts”, “she”, “Chariots”, “nation”, “Choose⁷” e “attention”) ressoam o termo “Soul” impondo sua presença em todos os versos e, portanto, enfatizando sua autoridade e seu domínio no poema. Ademais, o aspecto de sussurro que as sibilantes imprimem nos versos também convém à atmosfera do poema.

Do mesmo modo, as consoantes plosivas são recorrentes e dão maior impacto na pronúncia das palavras que as contém, reafirmando a rigidez do posicionamento assumido pela alma perante a sociedade. São elas: /p/ (em “Present”, “pausing”, “emperor”, “upon” e “ample”), /t/ (em “selets”, “Society”, “shuts”, “Majority”, “Present”, “notes”, “Chariots”, “At”, “Gate”, “Mat”, “Choose”, “attention” e “Stone”),

/d/ (em “Door”, “divine” e “Unmoved”), /b/ (em “be”), /k/ (em “selects” e “like”) e /g/ (em “Gate”).

Por fim, é significativa também a recorrência dos sons nasais, verificáveis em “own”, “then”, “divine Majority”, “Present no more”, “Unmoved”, “notes”, “pausing”, “an emperor”, “kneeling”, “Upon”, “known”, “from an ample nation”, “One”, “attention” e “Stone”. As consoantes nasais dão ao poema uma sensação de lentidão e podem sugerir também um ambiente sombrio, melancólico, ou ainda monótono e de solidão que a alma pode ter criado para si em sua intenção de isolar-se do mundo, mas, de forma alguma, essa sonoridade acarreta um tom de pena do eu-lírico ou arrependimento da alma em portar-se dessa forma, ao contrário, esse recurso apenas registra com naturalidade a atmosfera necessária para a compreensão do poema.

Considerações finais

A partir das discussões propostas aqui, podemos sugerir que existe, de fato, uma estreita relação entre a pertença ao gênero feminino e a produção literária e que essa relação pode ser comprovada, na poesia de Emily Dickinson, com a leitura cuidadosa das imagens e dos motivos que permeiam sua poesia, bem como do posicionamento do sujeito lírico diante de valores patriarcais. É nesse sentido que escolhemos “The Soul selects her own Society” como exercício de reflexão sobre as possibilidades de significação que o poema pode sugerir por meio de uma construção poética que privilegia uma idéia central – a idéia da seleção de um modo de vida que, no caso, é o isolamento – e que se desdobra ao longo dos versos com diferentes implicações de sentido.

Sabemos também que em poesia a escolha das palavras para a construção do texto considera não apenas a mensagem transmitida, mas também, e talvez mais importante, o caráter estético que elas deverão atribuir ao poema. Nesse sentido, verificamos que o poema analisado nos traz palavras de um determinado campo semântico para que se enfatize a todo momento as questões que conduzem os versos e que, ao final, dão-lhes uma unidade de sentido. Isso ocorre, por exemplo, na repetição de palavras que

remetem à exclusão da Alma de que fala o poema, tais quais “select”, “shuts”, “Choose” e “close”.

Além disso, a escolha vocabular do poema também busca enfatizar a maneira como as palavras expressam o tema a que a poeta se propôs. Assim, os recursos de versificação, os efeitos sonoros e a fragmentação decorrente da presença constante do travessão contribuem para que a expressão do tema do poema, isto é, o modo como esse tema nos é apresentado, ganhe um destaque tão importante quanto o próprio tema. Isso justifica o fato de uma obra tão vasta como a de Emily Dickinson ser classificada sob poucos rótulos temáticos (como poemas sobre a natureza, sobre a morte, sobre o amor e sobre a existência, por exemplo) e, ainda assim, ser constituída de mais de 1700 poemas, uma vez que é a diversidade no modo de expressar esses temas que possibilita suas reescritas.

Sobre isso, é preciso ressaltar ainda que, apesar do caráter abstrato que o tema do poema nos apresenta – o isolamento, a exclusão, a seleção -, sua representação se desenvolve com o emprego de palavras que dêem concretude ao que se deseja exprimir, isto é, com a ordenação harmoniosa de imagens que despertem a apreensão da experiência poética pelos sentidos. Em outras palavras, é pela concretude de outras figuras que a imagem do isolamento da Alma se manifesta de maneira visível para o leitor.

O poema em questão nos mostra também o trabalho da poeta em conciliar uma escolha vocabular aparentemente simples com a densidade de linguagem que cada termo carrega isoladamente e em suas relações entre si. Por conseguinte, o resultado é uma composição poética que privilegia a ambigüidade como fio condutor dos enigmas e das proposições acerca do tema desenvolvido pelo eu lírico.

Nossas reflexões buscaram dar ênfase na relação entre a Emily Dickinson como escritora na sociedade patriarcal do século XIX e o produto dessa escrita condicionada pelo contexto histórico e literário. Dessa forma, ao examinar o poema em questão nosso intuito também foi o de verificar se nele poderiam estar contidos os desafios de ser uma poeta no contexto em que Dickinson viveu e se, por causa do peso que o exercício intelectual se tornava para as mulheres daquela sociedade, a poeta poderia ter escolhido a reclusão e, conseqüentemente, a livre expressão de seu talento criativo.

Nesse sentido, acreditamos que a escrita de Dickinson pode, sim, suscitar reflexões mais aprofundadas sobre os efeitos que a autoria feminina acarreta na poeta e que o caminho para essa leitura esteja no subtexto de seus poemas. De maneira geral, propomos que a análise da obra de Emily Dickinson possa contribuir significativamente para a compreensão de como o feminino se constitui e se revela na escrita, em especial a partir das imagens que constituem seus poemas.

Por fim, enfatizamos que a imagem de isolamento e exclusão construída no poema pode ser lida como a prática efetiva do uso do subtexto enquanto estratégia da poeta para lidar com o fenômeno da criação literária diante das circunstâncias impostas pela sociedade patriarcal oitocentista. A associação de imagens e sons no poema dá concretude a essa estratégia, demonstrando desse modo, a concepção de uma poesia com estilo e tema à frente de seu tempo.

Referências:

- BLOOM, Harold. Emily Dickinson: vazios, arrebatamentos, as trevas. In: _____. *O cânone ocidental: os livros e a escola do tempo*. Tradução de Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.
- DAGHLIAN, C. Componentes irônicos na poesia de Emily Dickinson. *Letra Viva*, Edição especial: A palavra viva de Emily Dickinson, João Pessoa, 2006.
- DICKINSON, E. *The Complete Poems of Emily Dickinson*. Organization by Thomas H. Johnson. Boston: Back Bay, 1976.
- DICKINSON, E. *Alguns poemas*. Tradução de José Lira. São Paulo: Iluminuras, 2008.
- SALSKA, Agnieszka. *Walt Whitman and Emily Dickinson – Poetry of the Central Consciousness*. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1985.

Recebido em 31/03/2011
Aprovado em 02/05/2011

¹ Bloom se refere, aqui, ao poema 49J: “I never lost as much but twice, / And that was in the sod. / Twice have I stood a beggar / Before the door of God! / Angels – twice descending / Reimbursed my store - / Burglar! Banker – Father! / I am poor once more!” (DICKINSON, 1961, p. 27).

² “The Queen’s Looking Glass: Female Creativity, Male Images of Women, and the Metaphor of Literary Paternity”. In: *The Madwoman in the Attic*.

³ As autoras fazem referência direta ao ensaio de Virginia Woolf, *A Room of One’s Own*, em que Woolf define o termo “the angel in the house” como descritivo para o ideal feminino patriarcal.

⁴ Alguns exemplos discutidos por Gilbert e Gubar são: a personagem Martha, no romance *Jane Eyre*, de Charlotte Brontë; as heroínas de Jane Austen; a ironia em poemas de Christina Rossetti e a ousadia do eu lírico na obra de Emily Dickinson.

⁵ Retomaremos oportunamente esse termo em seus possíveis significados para a compreensão do poema. Por ora, basta-nos indagar se a referida Alma pode ou não ser entendida como referência ao próprio ser humano ou se ela se revela um ser em si mesma, isto é, um ser independente do indivíduo, separado dele.

⁶ Sua forma adjetiva é “obtrusive”.

⁷ É preciso mencionar que “Chariots” e “Choose” possuem o som sibilante em combinação com a consoante plosiva /t/, sendo transcritas da seguinte maneira: /'tʃæriət/ e /tʃuz/.